

**ENVELHECÊNCIA¹, GÊNERO E SEXUALIDADE: OLHARES E
DESDOBRAMENTOS SOBRE DISSIDÊNCIAS E PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO**

Eveline Cori ²

INTRODUÇÃO

Este texto analisa o envelhecimento através de um recorte de gênero e sexualidade com categorias conceituais de Michel Foucault e da filósofa Judith Butler.

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por papel conjurar seus poderes e seus perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2007:9)

Através de um recorte para se representar algo, um discurso é produzido, para Foucault (1986) o termo “discurso” pode ser entendido como práticas que formam sistematicamente os objetos que falam e não somente como um conjunto de signos ligados a conteúdos. Dessa forma, os discursos são feitos de signos, mas o que eles fazem é mais do que utilizar esses signos para designar as coisas.

Com efeito, pensando dentro desses termos, podemos inserir a medicina como um discurso que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinadores e efeitos regulamentadores” (FOUCAULT, 2005, p. 302)³. Dessa forma, o campo biológico no qual se baseia a medicina, envolvendo as instituições e as práticas de saúde exerce um papel fundamental na produção de saberes em nossa

¹ O escritor Mário Prata, na crônica “Você é um envelhescente?” pensando no envelhecer ou devir-velho semelhante à adolescência, criou o neologismo envelhescência: “A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim como a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência?”

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP.
E-mail: cori.eveline@gmail.com.

³ Tendo como base um “dispositivo da sexualidade” (FOUCAULT, 1988), Foucault demonstra como a medicina esteve presente nesse processo. A partir dos séculos XVIII e XIX, o discurso médico passa a desempenhar um papel central no modo como as sociedades ocidentais concebem questões relacionadas à vida e às populações. Com a chamada biopolítica, a vida passa a ser gerida, pois ela tem valor, sobretudo econômico (FOUCAULT, 2005). A regulação do corpo das mulheres se justificava pela necessidade de controlar a natalidade (FOUCAULT, 1988).

sociedade, inclusive em campos que não são estritamente ligados à saúde, ditando o que – ou quem – está dentro da normalidade ou *de uma anormalidade*, através da disciplina, da regulação e da administração das populações e dos corpos (FOUCAULT, 1998).

Judith Butler, filósofa pós-estruturalista, em seu livro, *Problemas de Gênero* (1990) a categoria de gênero é colocada como um resultado do discurso que produz nossos corpos anatômicos. De forma que não se nasce homem ou mulher, mas torna-se através de performances que corroboram com as regras que definem o masculino e feminino. Então, assim, não deve ser concebida como a inscrição cultural de símbolos em um sexo dado a priori, pois deve designar o aparato das normas hegemônicas que irá desenvolvê-la. Portanto, a função a ser desenvolvida pela categoria de gênero, acabaria acontecendo por meio de uma falsa noção de estabilidade através da matriz de heterossexualidade compulsória, garantida pela ordem de reprodução entre sexos coerentes e rígidos, isto é, fixos entre si. Através da reprodução, de uma performance com repetição de ações e signos (significados), há a manutenção dessa matriz, reiterando para a construção dos corpos masculinos e femininos inteligíveis. A autora observa, portanto, que o gênero pode ser compreendido como um comportamento dotado de significação ao passo que será gerado partir de um gesto performatizado.

Se pensarmos na velhice enquanto dimensão material do corpo, podemos a partir das formulações de Butler pensar que envelhecer, então, não é um dado natural, pois o social constitui o corpo como realidade, a partir do significado que a ele é atribuído pela coletividade.

Na contemporaneidade isso é observado na constituição de saberes especializados sobre o envelhecimento e a velhice, que se baseiam sobretudo no discurso do risco e na prevenção de doenças. Partindo de referências médicas – e muitas vezes colocando o envelhecimento populacional como um problema social –, muitos discursos hegemônicos disseminam um estilo de vida saudável que, segundo tal perspectiva, pode ser alcançado através da adoção de determinados comportamentos cujo *modus operandi* se dá pelas novas

tecnologias da saúde em nosso tempo e que rebate em nossos modos de envelhecer.

Assim, observa⁴ produz-se um padrão hegemônico no qual envelhecer e desenvolver doenças, debilidade ou quaisquer indisposição, até mesmo como marcas de expressão da idade, passam a ser compreendidos como escolha ou falta de cuidado ou omissão por parte dos sujeitos, uma vez que tais elementos poderiam ser evitados através da adoção de hábitos saudáveis. Então, aqueles ou aquelas que não corresponderem a norma, serão culpabilizados e moralizados.

O CORPO VELHO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Em „A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas“, Paula Sibilia observa e analisa como regimes de verdades são engendrados na sociedade no que diz respeito ao envelhecimento.

Na contemporaneidade, observamos dezenas de referências que vem desde os anúncios de indústrias farmacêuticas e de cosméticos, discursos médicos até mudanças ou cambiamentos estéticos a fim de sublimar a ação do tempo, apagar as marcas do estrago temporal de um corpo que cada vez mais se carrega e pouco se é, se deixa ser (CASTRO. P.7-15)

Envelhecer e ser gay traz um duplo estigma à Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais e só nos últimos anos passou a ter mais atenção da ciência e da gerontologia. Através de dados⁵ do estudo apresentado por Carmita Abdo, e que foi realizado pela Universidade de São Paulo (USP), há um índice de 2,2% de homossexuais e 1,8% de bissexuais do sexo masculino com mais de 61 anos. Na idade jovem, este número sobe para 11% e 3%, respectivamente. Milhorange aponta que „segundo a psiquiatra, não por haver mais gays jovens, mas porque, provavelmente, são mais propensos a se assumir“.

⁴ CERQUEIRA, M. B. Digressões Sobre saúde, envelhecimento e vida saudável na contemporaneidade. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 17, n. 2, p. 26-40, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14019/11830>.

⁵ A jornalista e pesquisadora Flávia Milhorange viajou a convite da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Gays Idosos no país são mais propensos a sofrer de depressão. Disponível em: encurtador.com.br/cfmoJ. Último acesso em: 15. Dez. 2017.

Segundo o texto da jornalista Bianca Soares⁶ para o periódico Estadão“, a vulnerabilidade desses idosos é algo que só agora reverbera dentro do movimento LGBT.

Osmar Resende, militante e publicitário de 65 anos, afirma, segundo o jornal que aqueles que foram estigmatizados por participar da luta pela liberação sexual, no início dos anos 1970, agora precisam “voltar para o armário, se quiserem se proteger”. Ele também, tenta há décadas, criar em Belo Horizonte um espaço que abrigue essa população. Resende ressalta que passou seis meses em Nova Iorque, nos Estados Unidos, para conhecer o trabalho da Advocacia e Serviços para Idosos LGBTs (Sage), organização que desde o final dos anos setenta oferece apoio àquela comunidade gay idosa. Resende, surpreso, diz à jornalista: “Eles dão moradia, remédio e até uma carteirinha de descontos em shows da Broadway. Para quem tem um histórico de privações, essas coisinhas são um alento.”

Em termos de Brasil, Bianca Soares, para o periódico, também entrevista Carlos Henning, professor de Antropologia da Universidade Federal de Goiás (UFG) e através da pesquisa do mesmo conclui que quando se trata de um homossexual, ao envelhecimento biológico acrescenta-se uma complexa teia de problemas discriminatório. “A maioria foi expulsa de casa e perdeu essa rede de suporte que é a família. Além disso, enfrenta maiores dificuldades no serviço público de saúde.” Para Henning, diz a jornalista, “o fato de muitas casas de repouso serem administradas por instituições religiosas representa uma barreira a mais para LGBTs que precisam do serviço”. “É comum transsexuais⁷

terem de desfazer o processo de transição, cortar o cabelo, tirar as próteses e mudar de roupa para serem aceitas ali”, analisa o professor.

Ao posicionar os LGBTs que envelheceram nesse lugar de abjeção, permie-se que estes sejam injuriados, isto é, quando se estabelece que certas pessoas ou certas vidas estão marginalizadas, estes mesmos têm suas vidas precarizadas, de forma que

⁶ SOARES, Bianca. Solidão afeta idosos LGBT. Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/solidao-afeta-idosos-lgbt>. Último acesso em: 15. Dez. 2017.

⁷ Transexuais e Travestis segundo levantamento da União Nacional LGBT vivem, em média, 35 anos - a expectativa de vida da população brasileira é de 75,5 anos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/solidao-afeta-idosos-lgbt>. Último acesso em: 15. Dez. 2017.

a filósofa Judith Butler vai cunhar e diferenciar precarity de precariousness- este último um termo que define a condição de vulnerabilidade que é inerente a toda vida humana.

Butler em Quadros de Guerra, observa que a precariedade traduz uma condição politicamente construída através da qual determinadas populações são assimetricamente expostas a contextos de violência, perigo, enfermidade, migração forçada, pobreza ou morte (BUTLER, 2015, p.25)

O conceito de precariedade é definido pela autora através de dois elementos fundamentais, sendo o primeiro deles a relacionalidade. A precariedade é uma condição relacional que implica na exposição dos indivíduos ao mundo social e às suas contingências. A precariedade também, traz como segundo elemento, o conceito de finitude, no qual a autora pretende trazer à luz a medida pela qual o ser humano é absolutamente substituível. Se vidas abjetas, ou vidas que não importam não são qualificadas como vidas, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras (BUTLER, 2015, p.13).

Entretanto, a vulnerabilidade e a contingência da condição humana podem apresentar níveis assimétricos que tendem a variar de acordo com o grupo em questão. Existem, dessa forma, grupos que estão particularmente expostos à condição de precariedade, o que significa que esta pode ser compreendida como uma construção humana, o que contribui para acentuar a sua natureza relacional bem como o valor diferenciado concedido à vida humana (BUTLER, 2015, p.14).

O pensamento de Butler compreende, além do mais, que a precariedade deve ser entendida como uma ontologia social e não somente individual, portanto, ela vai dizer que o corpo dentro desta lógica, está exposto às significações sociais. A ontologia do corpo é uma ontologia social e este está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como exigências de sociabilidade- incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo-, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis.

Cito algumas falas:

“O movimento em prol dos gays idosos ainda está engatinhando e muitos já vivem na rua da amargura, como é o caso dos transexuais, que são expulsos de casa ainda jovens, depois da escola formal, e quando chegam à velhice são abandonados à própria sorte e se envolvem com drogas e toda a violência em torno delas. Muitos desaparecem de circulação (...) nem citados somos (LGBT) no Estatuto do Idoso”

(Osmar Resende, de 61 anos, fundador da ONG Libertos, de Belo Horizonte, que defende os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais)⁸

” A luta LGBT sempre foi pelo direito ao amor. E amor remete ao direito à libido. Como, se idosos e idosas são vistos como anjinhos fazendo tricô em cadeiras de balanço e, se muito, vendo a novela das seis e indo dormir às oito?”

(Ricardo Rocha Aguiéiras, 68 anos, escritor, dramaturgo e militante dos direitos LGBT)⁹

“No asilo não tem nenhum gay, querido. É só velho, mesmo”. “Não, não trabalhamos com homossexuais”. “São senhoras muito religiosas, nenhuma lésbica, muito menos bissexual”. “Se tem algum gay aqui, ninguém nunca falou nada”. “Homossexual? Não temos, ok? Tchau”¹⁰.

Através dessas histórias, falas e observações, podemos notar o risco que sofrem velhos e velhas LGBT de caírem no duplo estigma- velhice e homo/transsexualidade- que em um diálogo com Foucault, proposto por Miskolci e Simões (2007, p.9-10) em sexualidades disparatadas se contrapõe à dita “velhice bem-sucedida” da esfera heteronormativa. Nas palavras de Henning, “esses autores vão observar que o dispositivo da sexualidade, em seu intuito de instituir a normalidade, associa dissidência e dissenso, de forma que o rompimento da norma relega o/a transgressor/a ao reino do absurdo e do despropositado ou em outras palavras do vocabulário foucaultiano, à esfera da loucura”¹¹

Problematizar as diferentes modalidades de violência e o valor que diferenciadamente é concedido à vida humana pode contribuir no que diz respeito à percepção de que há sujeitos e há vidas que dificilmente- ou nunca- são reconhecidas como vidas e cuja perda e sofrimento parece não ser lamentáveis (BUTLER, 2015, p.17)

⁸ Reportagem publicada no jornal O Estado de Minas, na edição do dia 9 de setembro 2012. Disponível em: <http://www.50emails.com.br/eles-tambem-envelhecem/>. Último acesso em: 15 Dez. 2017.

⁹ Uma luta pelos Idosos no Movimento LGBT. Matéria de Jarid Arraes publicada na Revista Fórum em 8 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/digital/159/uma-voz-pelos-idosos-movimento-lgbt/>. Último acesso em: 15 Dez. 2017.

¹⁰ Segundo a matéria de Neto Lucon para Revista Junior de Junho de 2013, „ (...) foram mais de 100 ligações telefônicas e doze visitas a 40 asilos, casas de apoio, repouso, albergues e abrigos de São Paulo na busca por um gay idoso, foco desta reportagem. Apenas um abrigo declarou que um gay morava lá. Outro disse que um homossexual morador precisou voltar ao armário por sofrer preconceito de outros moradores. Muitas atendentes, secretárias e responsáveis por serviços assistenciais, durante o contato, deram a entender que a procura era avaliada com desconforto, trote e até chacota”. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2013/02/idosos-homossexuais-voltam-ao-armario-asilo-gay.html>. Último acesso em: 15 Dez. 2017.

¹¹ HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: Velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0283.pdf>. P-310.

Por conseguinte, o Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, Cristian Paiva (2009)¹² questiona-se:

"(...) seriam essas cenas, cenas abjetas, envolvendo velhos abjetos? Certamente, são cenas que perturbam o imaginário da velhice, do envelhecimento. As pesquisas em torno do campo de estudos sobre velhice no Brasil apontam que as representações acerca da velhice mudaram nas duas ou três últimas décadas, deixando esta¹³ de ser associada àquilo que Baudrillard (1996) , num texto escrito em 1976, chama de 'morte social', morte do corpo, morte da vida, que podemos associar diretamente à exclusão dos velhos do mundo do trabalho, do acesso aos bens de consumo e ao desempenho de funções importantes nas solidariedades familiares. Temos hoje em construção um reposicionamento dos velhos em relação ao laço social, num processo ambivalente de positivação e de denegação da 'terceira idade'. Entretanto, os velhos evocados acima não são nada afeitos ao ideal médico-normativo-midiático da velhice risonha/dançante e saudável que vemos circular hoje."

Segundo o pensamento de Butler, ao nascer já somos precários, mas é exatamente por que um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver, porém só em condições que a perda tem importância. Como dito anteriormente, a precariedade deve ser entendida, não segundo uma ontologia individual, mas segundo uma ontologia social que possa revelar a importância da interdependência e da intersubjetividade na produção da vida precária (BUTLER, 2015). Essa produção encontra-se dependente da existência ou inexistência das condições sociais que tornam a persistência da vida possível. Quando tais condições não se encontram presentes, as populações ficam expostas à multidimensionalidade do "trauma" da precariedade humana e deixadas à própria sorte, o que podemos designar também como "deixadas para morrer". Com efeito, é pensando nesses laços que estabelecemos (ou não) com o social que vamos pensar na facilidade que acontece o "deixar morrer" que nada mais é que a ausência de luto produzida pela morte dos outros. Nessa mesma obra que estamos analisando, Butler, irá pontuar que são as mortes de populações árabes em bombardeios feitos pelos Estados Unidos, e

¹² PAIVA, Cristian. *Corpos/ Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos*, P.197. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art10_paiva.pdf. Último acesso: 14 Dez. 2017.

¹³ PAIVA., Cristian. Baudrillard (1996) descreve em tintas fortes o processo de racionalização capitalista da velhice, definida como "terceiro mundo" das idades: "A terceira idade não é mais do que uma fatia de vida, marginal, a-social ao limite – um gueto, uma espera, um declive diante da morte. Trata-se propriamente da liquidação da velhice. Conforme vivem mais, e conforme 'vencem' a morte, os vivos cessam de ser reconhecidos simbolicamente. Condenada a uma morte sempre adiada, essa idade perde seu estatuto e suas prerrogativas. [...] A expectativa de vida prolongada levou, portanto, apenas a uma discriminação da velhice: esta decorre logicamente da discriminação da própria morte. O 'social' também aí trabalhou bem. Fez da velhice um território 'social' (que figura nos jornais nessa rubrica, ao lado dos imigrantes e do aborto), ele socializou essa parte da vida ao encerrá-la em si mesma. Sob o signo 'benéfico' da morte natural, ele fez da velhice uma morte social antecipada".

de palestinos nas incursões de Israel, apresentadas, sem nome, nas notícias, apenas como números, e não reconhecidas como vidas viáveis, ou vidas dignas de serem vividas. Assim como as vidas de idosos LGBTQs, delas não se faz luto. O luto pensado por Butler é um luto político, não é uma ação individual. Excluir a morte da vida representa a morte da vida (BUTLER, 2015. P.37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou apresentar algumas reflexões que entrelaçam processos de envelhecimento, gênero e sexualidade.

Pensando em desessencializar as identidades sexuais como estáveis e desejos como não mensuráveis, o presente trabalho ainda embrionário, procura ir na direção de apontar o quão necessário é constituir o campo de investigação sobre envelhecimento de LGBTQs no Brasil.

Judith Butler, meu pilar na construção dessas análises vai cunhar o conceito de precariedade e o que implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. O nós está cindido desde o início, ele é interrompido pela alteridade. Isso evidencia que estamos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto significa que dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos por completo (BUTLER, 2015. P.31). Dessa forma, nos estão impingidas a exposição e a dependência de outros que por sua vez permanecem anônimos.

Ao nascer, já temos como pressuposto de que “essa sera uma vida que terá sido vivida”, e para que isso aconteça, a vida precisa ser passível de luto. Como sugere Butler, a apreensão da condição de ser enlutada é o que precede e torna possível a apreensão da vida precária.

Os corpos envelhecidos são marcados pelo tempo que anuncia a sua passagem, segundo algumas falas recortadas para esse texto, não tem glamour sequer purpurina. Corpos rígidos, olhos atentos, raciocínio rápido e hormônios à flor da pele com o passar das décadas dão lugar à braços e pernas flácidos e rugas que se espalham como raízes pelo rosto.

Por conseguinte, partindo do pressuposto de que há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas (BUTLER, 2015, p. 17), os enquadramentos, no caso da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, travestis e transgêneros podem ser compreendidos através da relação das normas que determinam quais velhices são possíveis, reconhecidas e valorizadas em nossa sociedade:

A velhice é um direito negado. Ou, pelo menos, se envelhecer ainda é inevitável para todos aqueles que tiverem a fortuna de não morrer prematuramente, proíbe-se exhibir o aspecto que os avanços da idade costumam denotar. Assim, em meio a essa crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como se fosse algo obscuro e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora da cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade. Um estado corporal a ser combatido – ou, como mínimo, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito e, portanto, humilhante. Algo indecente que não deveria ser exibido; pelo menos, não sem recorrer aos convenientes filtros e aos pudicos retoques que nossa era inventou para tal fim e que, com crescente insistência, põe à disposição de todos e nos convoca a utilizá-los. (SIBILIA, 2012, p. 97)

A fim de não criar uma narrativa apenas melancólica sobre a memória de velhxs LGBT, uma vez que, é importante ressaltar, no Brasil, o movimento de homossexuais é recente, tanto nas formulações de políticas públicas quanto de combate ao preconceito e violência, podemos pensar juntamente com PAIVA (2009. p. 204) em que espaço há para acolher essas memórias, tão ligadas a um processo contínuo de infâmia e de produção de pessoas abjetas? Como pensar na abertura de um campo que acumule e dê conta de abrigar, além dos corpos, esses saberes, essas vivências acumuladas ao longo dos anos na experiência social desses indivíduos a fim de restituir suas autoestima, reconhecimento social e lugar de desejo no tecido social? Para além de políticas- esta também importantíssima-há também que se pensar em seus corpos e afetos e como esses importam, assim como suas vidas que são passíveis de luto e resistem apesar de não reconhecidas, são como cada instância normativa, acompanhada de perto pelo seu próprio fracasso.

Encerro com um trecho de Paiva (2009. p.205):

Há um barulho de afetos, saberes e práticas, traduzidos no riso, na “pinta”, na “cédula”, nas músicas, nos espetáculos, nos lugares e nas transas, nas

sublimações e criações micropolíticas, que precisa ser ouvido e tomado como herança e patrimônio, história viva de corpos, seres e experiências (individuais e coletivas, simultânea e indissociavelmente) que importam, e muito. O movimento LGBT, assim como as iniciativas acadêmicas de pesquisa, tem um campo enorme de possibilidades a ser explorado, ao incluir em suas agendas teórico-políticas a questão do envelhecimento homossexual. Esta me parece ser uma aposta no presente, no sentido forte do termo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. Precarious Life. The powers of mourning and violence. London / New York: Verso, 2005.

_____. Quadros de guerra. Quando a vida é passível de luto? In "Introdução: Vida precária, vida passível de luto" e "A reivindicação da não violência". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, A. L.; PAOLIELLO, R. M. Cultura, poder e subjetivação. Perspectivas. São Paulo, v. 43, p. 7-15, 2013.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/6610/4856>.

CERQUEIRA, M. B. Digressões Sobre saúde, envelhecimento e vida saudável na contemporaneidade. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 17, n. 2, p. 26-40, 2012. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14019/11830>.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 21ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. História da Sexualidade II: O uso dos prazeres. Editora: Graal, 1984.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: Velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "idosos LGBT"

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0283.pdf>

MISKOLCI, R.; SIMÕES, J. A. Apresentação. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, Pp. 9-18, 2007.

PAIVA, Crístian. Corpos/ Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. P.197. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art10_paiva.pdf.

PRATA, Mário. Você é um envelhescente? In: "100 Crônicas", Cartaz Editorial/Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 1997, pág. 13. Disponível em: http://www.releituras.com/marioprata_envelhece.asp.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. In Comunicação, mídia e consumo, ano 9, vol. 9, n. 26. Pp. 83-114, 2012.

SOARES, Bianca. Solidão afeta idosos LGBT.

REVISTA PENSATA | V.8 N.1

DEZEMBRO DE 2019

Disponível em:<http://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/solidao-afeta-idosos-lgbt>. Último acesso em: 15. Dez.2017